

A ANÁLISE DO DISCURSO COMO METODOLOGIA PARA INVESTIGAÇÃO DE FENÔMENOS RELIGIOSOS NA AMÉRICA LATINA

DISCOURSE ANALYSIS AS METHODOLOGY FOR INVESTIGATION OF
RELIGIOUS PHENOMENA IN LATIN AMERICA

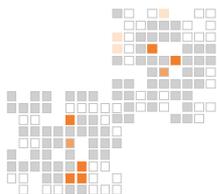
*EL ANÁLISIS DEL DISCURSO COMO METODOLOGÍA PARA LA
INVESTIGACIÓN DE FENÓMENOS RELIGIOSOS EN AMÉRICA LATINA*

Ronivaldo Moreira de Souza

■ Pós-doutorando na Universidade Paulista (UNIP), Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (bolsista integral CAPES).

■ E-mail: ronivaldomds@gmail.com

74



RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar algumas diretrizes para a aplicação da Análise do Discurso como metodologia para investigação de fenômenos comunicacionais religiosos, considerando-se o sincretismo e o pluralismo característico da religiosidade latino-americana. Por meio de pesquisa bibliográfica, propõe-se uma reflexão teórica sobre a relação entre religião e linguagem apresentando algumas características tipológicas do discurso religioso. Por fim, são apresentadas algumas diretrizes e possibilidades aplicativas da Análise do Discurso como metodologia para investigar a imbricada relação entre comunicação e religião.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO; ANÁLISE DO DISCURSO; RELIGIÃO.

ABSTRACT

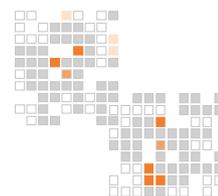
This research aims to present some guidelines for the application of Discourse Analysis as a methodology for investigation of religious communicational phenomena, considering the syncretism and pluralism characteristic of Latin American religiosity. Through a bibliographical research, we propose a theoretical reflection about the relation between religion and language presenting some typological characteristics of the religious discourse. At the end we present some guidelines and possible applications of Discourse Analysis as a methodology to investigate the imbricated relationship between communication and religion.

KEYWORDS: COMMUNICATION; DISCOURSE ANALYSIS; RELIGION.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo presentar algunas directrices para la aplicación del Análisis del Discurso como metodología para la investigación de fenómenos comunicacionales religiosos, considerando el sincretismo y el pluralismo característico de la religiosidad latinoamericana. Por medio de investigación bibliográfica proponemos una reflexión teórica sobre la relación entre religión y lenguaje presentando algunas características tipológicas del discurso religioso. Por último, presentamos algunas directrices y posibilidades aplicadoras del Análisis del Discurso como metodología para investigar la imbricada relación entre comunicación y religión.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN; ANÁLISIS DEL DISCURSO; RELIGIÓN.



Introdução

Duas afirmações servem de premissas de base para as contribuições que pretendemos oferecer por meio desta pesquisa: 1) A religião é um fenômeno comunicacional; 2) A religião se organiza em torno de sistemas de linguagem. Vamos desenvolver melhor essas duas ideias ao longo do texto.

Outra questão igualmente importante e que motiva este trabalho é a natureza tão plural e sincrética dos fenômenos religiosos na América latina. Pesquisas com pretensões generalistas são pouco contundentes onde a riqueza do fenômeno reside exatamente na *singularidade* de sua *pluralidade*. O desafio do analista, nesse caso, não é descrever um modelo geral da prática religiosa, mas sim, investigando o meticuloso processo de apropriação e exclusão de uma determinada religião, dar conta da natureza singular que emerge desta pluralidade com a qual a religião dialoga. Navegar nesse instável oceano de hibridismos e sincretismo requer *bússolas* bem ajustadas para que o pesquisador não fique à deriva.

Esta é a razão pela qual propomos neste texto uma breve reflexão teórico-metodológica cujo objetivo é aprimorar o uso da Análise do Discurso como metodologia para investigação de fenômenos religiosos na América Latina assumindo, de um lado, a sua pluralidade constitutiva e, do outro, a singularidade que lhe permite atuar como um fenômeno comunicacional produzindo significados na esfera social.

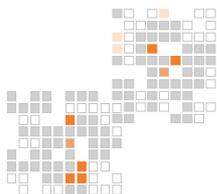
Primeiramente falaremos da religião como fenômeno comunicacional que se organiza em torno de sistemas de linguagem. Em seguida adotaremos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de Escola Francesa para pensar o processo de produção de sentidos no discurso religioso. Por fim, ofereceremos alguns caminhos possíveis para delimitação e investigação de fenômenos religiosos na América Latina.

1. A religião como sistema de linguagem e fenômeno comunicacional

O teólogo alemão Rudolf Otto se propôs a analisar os aspectos irracionais na noção do divino. E por irracionais, Otto não estava falando daquilo que é desprovido de sentido, ou então, que não possua uma base crível, senão dos aspectos que não se podem traduzir em termos ou conceituar. São esses aspectos “irracionais” que fazem de Deus, *Deus*. O autor entende que a definição de algo como sagrado se dá pelo reconhecimento de que há *algo a mais*, cujas palavras e os termos não podem conceituar e que foge a qualquer expressão linguística.

Interessa-nos, nos estudos de Otto (2007), aquela parte da qual sua obra traz apenas indícios: o papel da linguagem na construção do sagrado. A concepção do sagrado em Otto relaciona os aspectos racionais (aquilo que pode ser descrito e teorizado) com os irracionais (aquilo que falta termos para descrever e conceituar), afirmando que esses dois aspectos interagem na construção do sagrado. Porém, o teólogo se ocupou exclusivamente com os aspectos irracionais e em uma abordagem teológica e psicológica, procurando descrever os sentimentos que a presença do sagrado provoca na pessoa religiosa. Ao fazer isto, Otto excluiu aquilo que era fundante em suas premissas iniciais, uma vez que tanto os elementos racionais quanto os irracionais no sagrado passam pela linguagem, quer seja no dizer, quer no não dizer, visto que o silêncio reverente é também uma forma de linguagem.

Outra lacuna deixada por Otto surge da desvinculação que ele faz entre a linguagem e o sentimento. Os sentimentos são uma forma de linguagem e é só pela linguagem que são externalizados e ganham existência. A própria obra de Otto é uma prova contundente disso, pois sua originalidade está na construção teórico-conceitual dos sentimentos que se apoderam da pessoa religiosa em seu encontro com o sagrado. Em



outros termos, sua obra é uma descrição daquilo que, até então, era indescritível.

Vejam estas duas questões de maneira mais detalhada. Echeverría (2005, p.76) foi no mínimo ousado quando afirmou que a alma é um fenômeno linguístico. Porém, seus argumentos apresentam uma base bastante sólida para sua afirmação. Para sustentar seu argumento, o autor usou o exemplo da dor e do sofrimento. Quando colocamos a mão no fogo, imediatamente sentimos uma reação biológica que denominamos dor. A dor tem raízes biológicas e afetam nosso sistema nervoso.

O sofrimento, no entanto, é diferente da dor. Por sofrimento entende-se uma espécie de dor da alma, que não pode ser explicada por meios biológicos, pois, depende do julgamento de cada um. Uma mesma situação pode atingir duas pessoas provocando reações completamente diferentes. O fim de um relacionamento, por exemplo, pode infligir sofrimento em uma das pessoas envolvidas e alívio para a outra. No amago da questão está o julgamento que cada pessoa faz da situação e, para aquela que sofre, sabe-se que é um tipo de dor completamente diferente de levar um soco no estômago, apesar desta última frequentemente ser tomada como metáfora da primeira.

Fizemos esse percurso para entendermos que os sentimentos ganham existência na/pela linguagem. Mesmo aquilo que Otto chama de aspectos irracionais do sagrado só podem ser analisados e expressos pela linguagem.

1.1 Linguagem e religião partindo de Eliade

Mircea Eliade investigou a maneira como o sagrado se manifesta na vida cotidiana e como ressignifica a relação do fiel com o tempo e o espaço. É nesse ponto que Eliade aponta as narrativas míticas como fundamentais para esta distinção entre o sagrado e profano.

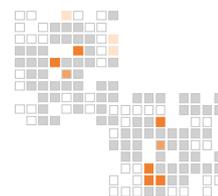
O tempo de origem de uma realidade é fundamental para o homem religioso, uma vez que é a aparição dessa realidade que dá origem ao tempo.

Por exemplo, é depois da criação do cosmos que surge o tempo cósmico. Esse tempo que funda a primeira aparição de uma determinada realidade que é atualizada pelo rito. A narrativa mítica desempenha papel fundamental nesse processo, pois é ela quem revela como uma realidade veio à existência.

Ao atualizar o tempo de origem o homem religioso busca a presença dos deuses, daquele momento da inspiração divina que deu origem à criação de uma determinada realidade. A narrativa mítica conta uma história sagrada, oferecendo explicações para a origem de uma realidade. Ela revela os mistérios da criação, já que seus personagens são divinos e heroicos. Eliade (1992, p.50) afirma que o mito “proclama a aparição de uma nova ‘situação’ cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma ‘criação’: conta-se como qualquer coisa foi efetuada”.

Sobre isto, Silva (2005) ressalta o papel fundamental da linguagem na construção da cosmologia de uma determinada religião

No Gênesis, vê-se que a linguagem é um atributo da divindade, pois o criador dela se vale quando realiza sua obra. Deus cria o mundo falando [...]. A passagem do caos à ordem (=cosmo) faz-se por meio de um ato de linguagem. É esta que dá sentido ao mundo. O poder criador da divindade é exercido pela linguagem, que tem, no mito, um poder ilocucional, já que nela e por ela se ordena o mundo: Deus disse: ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita. ([Gênesis]1.3) [...]. Ao mesmo tempo que faz as coisas, Deus denomina-as. No universo mítico, dar nome é criar. Até o quinto dia, o senhor vai criando linguisticamente o mundo. A expulsão do paraíso foi a colocação do homem na História. No âmbito da linguagem, o que pertence à ordem da História é o discurso. Colocar o homem na História é enunciá-lo (Silva, 2005).



Como se nota no exemplo da narrativa cristã bíblica dado pelo autor, a linguagem é tão eterna quanto a divindade. A divindade manifesta sua vida e revela seu poder por meio da linguagem, já que a divindade é o ser que *quando fala, algo acontece*.

1.2 Linguagem e religião partindo de Berger

Peter Berger (1985) entende que o mundo social e os seres humanos travam uma relação dialética: o homem constrói o mundo social atribuindo-lhe significado e, ao mesmo tempo, encontra seu próprio significado nesse mundo. Apesar de ser uma construção do próprio indivíduo, essa ordem social surge para ele como uma realidade objetiva da qual ele apenas se apropria e é por ela apropriado. A esta ordem social Berger (1985, p.33) denominou *nomos*.

O autor enfatiza que a linguagem é um elemento ontológico do *nomos*, afinal lhe serve de metáfora e também de elemento constitutivo. É metáfora porque opera sob a mesma lógica, ou seja, a linguagem é um produto da interação humana e se apresenta ao homem como uma realidade objetiva da qual ele apenas lança mão para se comunicar, como se os significados fossem dados *a priori*, ocultando seu caráter de produto da própria interação humana.

É também elemento constitutivo, porque é pela linguagem que o homem denomina o mundo à sua volta, estabelecendo semelhança e diferenciação, afirmando que um item *é isto e não aquilo*. Ao fazê-lo, objetiva uma ordem que seja compreensiva a todos, estabelecendo um *nomos* totalizante (Berger, 1985, p. 33).

Existe, no entanto, outra realidade produzida e sustentada pelo empreendimento humano da religião: o *cosmos sagrado*. Nesse universo está o sobrenatural, aquilo que transcende o humano, um universo repleto de divindades, seres espirituais angelicais e demoníacos. Apesar de ser distinto do homem, o cosmos sagrado faz referência

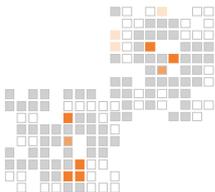
a ele, o inclui e se relaciona com ele. Nas palavras de Berger (1985, p. 39), o homem encara o cosmos sagrado como “uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado”. Aqui fica evidente o papel fundamental da religião que Berger (1985, p. 181) definiu como um universo de significados construído pelo homem, cuja construção se dá por meios linguísticos.

Pode se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo (Berger, 1985, p. 41).

A religião atua como instrumento de legitimação, mantendo a realidade socialmente definida. Ela o faz à medida que relaciona com a realidade suprema (o cosmos sagrado) as construções da realidade social (o *nomos*). Quando as realidades sociais empíricas se fundamentam sobre uma realidade suprema e sacralizada, são legitimadas tornando-se mais ou menos inquestionáveis.

1.3 A religião como fenômeno comunicacional

Se em um nível mais profundo a religião é dominada pela *palavra*, e se é essa palavra que fixa e remove limites simbólicos do universo de sentidos individual e/ou social, logo, seria muito pertinente investigar o poder dessa palavra e como ela atua em uma dada conjuntura social e histórica. Partindo desse ponto, Enzo Pace (2009) observa a insuficiência de certas metodologias para dar conta do fenômeno religioso



contemporâneo e propõe um instigante ponto de partida: como uma determinada religião observa a si mesma.

Uma sociologia dos sistemas de crença religiosa é, portanto, como um jogo de palavras, observação da observação, se nos posicionamos em uma perspectiva de como uma religião observa a si mesma em relação ao ambiente social.

Toda religião tende a ser representada não só como diferente de outra, mas também em virtude da pretensão legítima de conter em si a verdade, a julgar-se superior, mais completa, mais verdadeira em relação a outra, a todas as outras (Pace, 2009, p.13).

Partindo dessa perspectiva, entendemos que uma maneira muito apropriada para observar como uma religião vê a si mesma é através do discurso que ela constrói sobre si em uma dada condição sócio-histórica, e os discursos com os quais ela dialoga em diferentes situações de comunicação. É assumindo essa perspectiva que vemos uma potencial contribuição da Análise do Discurso, para investigação de fenômenos religiosos.

Segundo Maingueneau (2008a) o trabalho do analista é colocar os espaços discursivos em relação, pois na gênese de todo discurso está o interdiscurso, ou seja, os discursos possíveis dos quais se constitui. Foucault (2008) afirma que esse deve ser o deslocamento conceitual proposto pelo analista do discurso: na análise linguística buscou-se estabelecer as regras de construção de um enunciado, regras estas que possibilitam o surgimento de outros enunciados semelhantes. Já para o analista do discurso, a questão que se apresenta no desafio de descrever os acontecimentos do discurso é: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2008, p.30).

2. A Análise do Discurso como método¹

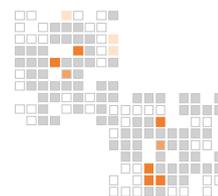
Para entender a dinâmica da Análise do Discurso como método, precisamos recuperar alguns postulados de Pêcheux. Para o autor o trabalho do analista é primordialmente analisar os processos que tornam os discursos possíveis. A função do pesquisador não está orientada para uma natureza interpretativa que busque um sentido mais profundo que o texto, como um véu, encobre. Nesse sentido, o processo de produção de um discurso “é o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas” (Pêcheux, 1997, p. 74).

A análise do processo de produção de um discurso se desdobra em duas ordens de pesquisa inter-relacionadas:

- o estudo das variações específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas aos processos de produção particulares considerados sobre o ‘fundo invariante’ da língua [...].
- o estudo da ligação entre as ‘circunstâncias’ de um discurso — que chamaremos daqui em diante suas condições de produção — e seu processo de produção (Pêcheux, 1997, p. 74-75).

Dessas ponderações, percebe-se que o processo discursivo se apoia em uma base dupla: uma base linguística regida pelas leis internas da língua – estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas; uma base ideológica que serve de apoio para o conjunto de regras discursivas que determinam as estratégias, conceitos e modalidades enunciativas. A língua é a “condição de possibilidade do ‘discurso’ [...]”; os processos discursivos constituem a fonte de produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido” (Brandão, 2004, p. 42).

¹ As ideias fundantes desse tópico foram publicadas pelo autor no livro Análise do Discurso: conceitos e aplicações. PISA, Lícia Frezza; DE SOUZA, Ronivaldo Moreira; VIZIBELI, Danilo. Análise do Discurso: conceitos e aplicações. Alegre: IFSULDEMINAS - Lume Editora, 2018.



A Análise do Discurso da Escola Francesa tem no discurso um “objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é linguística” (Orlandi, 2008, p.17). Essa visão do discurso como espaço que emerge as significações estabelece uma tríade básica nas formulações teóricas da análise do discurso: as condições de produção, a formação discursiva e a formação ideológica (Brandão, 2004, p.42). Esses três elementos propostos por Pêcheux constituem também a base metodológica para o analista que deverá investigar não apenas as regras linguísticas que tornam o discurso possível, mas também as regras sociais e históricas que compõem as condições possíveis para que esse discurso signifique.

Maingueneau fez uma releitura da obra de Pêcheux estabelecendo os limites e objetivos metodológicos da Análise do Discurso. O autor teceu duras críticas contra a tendência de transformar a Análise do Discurso em mais um método hermenêutico, cujo objetivo é descobrir o sentido de um determinado texto. O papel da AD como método é descrever os processos que tornam os sentidos possíveis de um determinado discurso. Maingueneau (1997, p.13-14) sistematiza essa composição metodológica ao afirmar que a AD precisa basear sua análise em três dimensões: o quadro das instituições que restringem fortemente a enunciação; os embates históricos e sociais que se cristalizam no discurso; o espaço próprio que o discurso configura para si no interior de um interdiscurso.

Quando o analista delimita o *corpus* que comporá a sua análise, não deve limitar o seu olhar partindo do princípio de que aquele discurso é produção de um determinado sujeito. O objeto da AD não é o texto tomado em sua singularidade, pelo contrário, deve “considerar sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis” (Maingueneau, 1997, p. 14).

Percebe-se que a AD sustenta a ideia de que

todo discurso é circunstancial. O analista parte do pressuposto de que o discurso cristaliza práticas que são culturais e sociais e não as *intenções* confinadas na cabeça de alguém

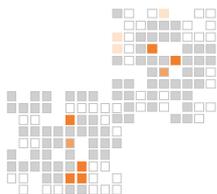
Os analistas do discurso vêem todo discurso como prática social. A linguagem, então, não é vista como mero epifenômeno, mas como uma prática em si mesma. As pessoas empregam o discurso para fazer coisas [...]. Realçar isto é sublinhar o fato de que o discurso não ocorre em um vácuo social. Como atores sociais, nós estamos continuamente nos orientando pelo contexto interpretativo em que nos encontramos e construímos nosso discurso para nos ajustarmos a esse contexto (Gill, 2002, p. 248).

Portanto, o analista do discurso tem no material linguístico a base da sua análise, porém tem no discurso a emersão das práticas sociais e culturais que possibilitam ao discurso significar em uma dada circunstância de sua produção.

2.2 Características do discurso religioso

Na gênese de todo discurso, está o interdiscurso. Em outros termos, “o interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (Maingueneau, 2008a, p.20). Entendemos por interdiscurso a relação multiforme de um discurso com outros discursos, ou seja, um espaço discursivo no qual os discursos articulam trocas de sentido, ora apropriando-se uns dos outros, ora excluindo-se uns aos outros (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p.286).

No entanto, no caso do discurso religioso essa relação com o outro discurso se dá de maneira muito peculiar. Para assumir o lugar de um discurso maximamente autorizado, o discurso religioso não pode reconhecer autoridade para além



da sua própria, contudo, sua constituição como discurso sempre se dará na interação com outros discursos. O discurso religioso, porém, nega essa interação e procura submetê-la a seus princípios:

Discursos como o religioso [...] se definem pela posição que ocupam no interdiscurso, pelo fato de não reconhecerem discursividade para além da sua e de não poderem se autorizar senão por sua própria autoridade. [...] para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem aparecer como ligados a uma Fonte legítima-dora. Eles são ao mesmo tempo auto e heteroconstituintes (Maingueneau, 2008b, p. 38-39).

A percepção de Maingueneau nos aponta um duplo desafio que se coloca frente ao analista do discurso religioso. O primeiro é dar conta de sua heterogeneidade. Já que não existe um grau zero do discurso e que todo discurso emerge de sua relação com outros discursos, cabe ao analista apreender o constante trabalho de negociação entre os estatutos dos discursos. O segundo é dar conta do jogo discursivo que possibilita ao discurso religioso negar sua natureza heteroconstituente e se apresentar como autoconstituente. Ousamos afirmar ainda, que a natureza *polifônica* do discurso religioso – ou seja, as muitas vozes constitutivas desse discurso –, é suprimida para que este se apresente ao enunciatário como um produto *monofônico*, cuja origem e legitimação emana de uma única voz: a divindade.

Como exemplo disso, podemos citar a maneira como o discurso religioso cristão constantemente negocia seu estatuto com o discurso científico. É muito comum o discurso religioso cristão negar a validade do discurso científico em questões como a origem do universo, por exemplo, em que o constante embate entre criacionistas e evolucionistas parece não ter fim. No entanto, quando há conveniência, o discurso religioso cristão, especialmente no gênero doutrinário, apresenta

dados de pesquisas científicas, tais como o aumento dos casos de depressão, suicídios, divórcios, entre outros, para oferecer uma explicação religiosa para estas questões.

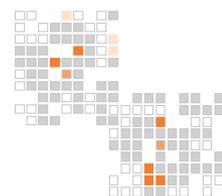
Esse exemplo nos parece necessário apenas para ilustrar o processo pelo qual o discurso religioso se apresenta como maximamente autorizado, assumindo, inclusive, o papel de demarcar os limites de validade de todos os demais discursos. É esse constante jogo de apropriação e exclusão que lhe confere no interdiscurso um estatuto autofundado.

3. A Análise do Discurso aplicada a fenômenos religiosos: perspectivas e possibilidades

Antes de avançarmos, precisamos entender o que é um *texto* na perspectiva da Análise do Discurso. Para a Análise do Discurso, um texto é qualquer elemento que contenha uma linguagem independentemente do código que utilize. Desta forma, um quadro pode ser um texto, assim como uma fotografia, um poema, um simples gesto, e etc. Sendo assim, o universo que se descortina diante do analista constitui para ele o desafio de analisar o texto, pondo em relação seu *código linguageiro* e as regras que possibilita a sua produção de sentidos. O analista do discurso tem no texto a materialidade empírica de sua análise.

É imprescindível que digamos isto por duas razões: 1) há uma diversidade de fenômenos religiosos, especialmente na religiosidade popular, que não possui um texto sagrado na linguagem escrita e sua narrativa mítica só está disponível na linguagem oral; 2) desvincular a materialidade empírica do texto escrito aumenta exponencialmente as possibilidades de análise, pois, os ritos, as práticas litúrgicas, as narrativas orais, as festividades sacras, tudo isto pode ser tomado como *corpus* e reconhecido como uma materialidade empírica para ser analisada como discurso.

Nesse ponto levantamos uma crítica bastante séria quanto às aplicações da Análise do Discurso em fenômenos religiosos. Em uma pesquisa



em andamento realizada pelo grupo de pesquisa MIRE (Mídia, Religião e Cultura), tendo como base as dissertações e teses dispostas no banco de teses da CAPES² entre os anos de 2013 a 2017, percebemos que boa parte dos trabalhos no campo da comunicação que investigam fenômenos religiosos e que adotam a Análise do Discurso como metodologia, não exploram o potencial metodológico da AD, ora pela falta de domínio dos pressupostos teóricos que fundamentam a metodologia, ora pelo desconhecimento do texto e das narrativas fundadoras da religião que se investiga. Com isto, os trabalhos deixam de ser analíticos e passam a fazer meras descrições dos fenômenos.

Para aplicar a Análise do Discurso em um determinado fenômeno religioso é preciso que o analista tenha um domínio dos textos que fundam a prática religiosa e das narrativas mitológicas sob as quais a religião se apoia. O analista precisa imergir na lógica interna desse discurso, compreender o seu peculiar processo retórico na produção de sentidos. Utilizando uma metáfora, *para entender os movimentos da dança é preciso ouvir a música, pois, aqueles que dançam parecem loucos aos olhos de quem não ouve a música.*

Como dissemos no início, esse conhecimento prévio da religião é uma competência essencial para o analista diante da natureza sincrética e plural da religiosidade na América Latina, pois, é esta competência que lhe possibilitará dar conta do interdiscurso, de verificar com clareza o jogo de apropriação e exclusão característico do discurso religioso. É ela que possibilita enxergar a presença de elementos das religiões afro na liturgia neopentecostal, por exemplo, e verificar no plano discursivo como esta prática é sacralizada aqui e demonizada lá, sendo, ainda assim, a mesma prática. Sem essa competência o analista do discurso curvará a AD a um simples inventário descritivo de um fenômeno, lugar que nunca foi o seu.

² Disponível em: < <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em Nov. de 2018.

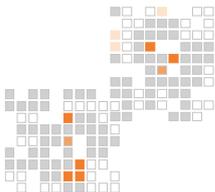
3.1 Possibilidades de Análise do Discurso

Algumas diretrizes são importantes para o analista do discurso na construção do *corpus* de sua pesquisa. Barthes (2006, p. 104) afirma que o *corpus* é “uma definição finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar”.

Para que se garanta a cientificidade do procedimento alguns critérios precisam ser observados na construção de um *corpus*. O primeiro deles visa garantir uma construção equilibrada. Para isto, o pesquisador precisa estabelecer uma sequência lógica para esse processo de construção da seguinte forma: Investigação empírica piloto e análise teórica – delineamento do *corpus* – compilação de porção do *corpus* – investigação empírica (Bauer e Aarts, 2002, p. 53).

Para fazer um delineamento consistente o pesquisador deve observar critérios de pertinência, homogeneidade e sincronicidade. O critério de pertinência é também um princípio limitativo, já que ao construir o *corpus* o pesquisador descreve os fatos reunidos a partir de um único ponto de vista e se propõe a reter desta massa heterogênea dos fatos apenas aqueles que interessam a este ponto de vista. Em outros termos, os materiais de um *corpus* devem ter apenas um foco temático (Barthes, 2006, p. 103). No caso do discurso religioso este recorte pode ser feito a partir dos gêneros discursivos da religião tomada como objeto (tomando a religião cristã como exemplo: o sermão, o testemunho religioso, o gênero doutrinário, etc.), ou ainda, uma prática religiosa na sua relação com um determinado tema (O *ethos* feminino na festa de Iemanjá; A sacralização da heteronormatividade na caminhada da família, e etc.).

Outro cuidado necessário é garantir que a substância material dos dados seja tão homogênea quanto possível. Materiais textuais, imagéticos e sonoros, quando possível, devem ser categorizados e analisados distintamente. De igual modo



o suporte em que estes materiais são veiculados, mesmo que façam parte do mesmo projeto, devem ser separados em *corpora* diferente para fins de comparação, quando for o caso (Barthes, 2006, p. 105). Essa prática abre uma gama de possibilidades analíticas em um período de mediação das práticas religiosas. É possível fazer um recorte das *metamorfoses* discursivas que uma prática religiosa sofre quando sai do contexto oral em cenas de enunciação que exigem presença, para o contexto midiático onde a prática litúrgica e seu consumo ocorrem em tempo e espaço diferentes (o testemunho religioso midiático, o sermão midiático, o *despacho online*, as peregrinações online, e etc).

E por fim, o pesquisador deve estar consciente de que um *corpus* é uma intersecção na história. Portanto, os materiais selecionados devem ser escolhidos dentro de um ciclo natural. Por exemplo, padrões familiares permanecem estáticos por décadas, enquanto que os padrões da moda mudam a cada ano. É este ciclo natural que possibilita ao pesquisador fazer um recorte sincrônico e preciso (Barthes, 2006, p. 105).

Um recorte sincrônico preciso possibilita delimitar outros dois fatores imprescindíveis na construção de um *corpus* que são as variáveis internas e externas. Partindo do pressuposto de que o sentido nasce da diferença, o trabalho do analista do discurso é realizar operações de contraste capazes de colocar em paralelo diversas sequências discursivas. Sendo assim, os “*corpora*” devem ser construídos segundo certas variáveis que permitam comparar tais sequências, quer sejam variáveis externas ou internas (Charaudeau, 2011, p. 13).

Nas variáveis externas o analista contrasta discursos pertencentes a épocas diferentes (variável temporal): por exemplo, o discurso protestante no século XIX comparado com o atual; ou discursos vindos de espaços diferentes (variável espacial e cultural): a umbanda argentina comparada

à umbanda brasileira; ou ainda podem comparar discursos oriundos de dispositivos situacionais diferentes como, por exemplo, contrastando discursos de tipologias diferentes (religião e política; religião e publicidade, etc.), buscando apreender se as estratégias de persuasão são semelhantes.

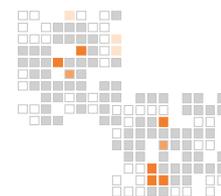
Já as variáveis internas se situam no interior de um mesmo campo discursivo e se referem aos componentes situacionais que estruturam as práticas sociais (Charaudeau, 2011, p. 13-14). No campo religioso, por exemplo, os domínios de atividades são variados: os da instituição religiosa, dos sacerdotes, dos fiéis, etc. a palavra não circula da mesma forma em todos eles e as normas contratuais e discursivas são diferentes porque o sentido da palavra varia de acordo com as situações de comunicação.

Considerações finais

Partindo do princípio da *observação da observação* proposto por Pace (2009), a Análise do Discurso se apresenta como uma metodologia muito apropriada para análise de fenômenos religiosos de natureza tão sincrética e plural, como é o caso da experiência latino-americana.

A aplicação da AD como metodologia exige do pesquisador um domínio prévio da lógica discursiva interna da religião que se toma como objeto de estudo, bem como sua estrutura teológica. É isto que lhe permitirá uma análise mais profunda e uma percepção mais aguçada do jogo de apropriação e exclusão interdiscursiva, característica fundante da tipologia discursiva religiosa e de seu processo de produção de sentidos.

Partindo desse ponto, o protocolo de análise e o trabalho de construção do *corpus* da pesquisa abre um leque de possibilidades investigativas que contemplam a religião e o processo de produção de sentidos considerando-se as relações sócio-históricas e as variáveis internas e/ou externas como agentes transformadores das práticas discursivas da religião.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: Um princípio para coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ED). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. “Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática”. *Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Vol. 10, p. 1-23, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- ECHEVERRÍA, Rafael. *Ontología del lenguaje*. Santiago: Lom Ediciones, 2005.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2008.
- GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ED). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas – SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas. 3ª edição, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2008.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PACE, Enzo. *Narrar a Deus: a religião como meio de comunicação*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Vol. 24, nº 70, 2009. pp. 9-15.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PISA, Lícia Frezza; DE SOUZA, Ronivaldo Moreira; VIZIBELI, Danilo. *Análise do Discurso: conceitos e aplicações*. Alegre: IFSULDEMINAS - Lume Editora, 2018.
- SILVA, Gustavo Adolfo da. *Teoria dos atos de fala*. VIII Fórum de Estudos Linguísticos: Língua Portuguesa & Identidade: marcas culturais. UERJ, Nov. 2005. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/viiiifelin/41.htm> >. Acesso em Dez. 2016.

